

# Especialistas de cura e seus mundos sagrados

Leonardo Lemos da Silveira Santos\*

Flavia Cristina Araujo Lucas\*\*

Manoel Ribeiro de Moraes Junior\*\*\*

Raymundo Heraldo Maués\*\*\*\*

## Resumo

O artigo foi construído pelo olhar de três especialistas locais – Catarina, Mariquinha e Eliana (curandeiras, parteiras, remedeiras, benzedoras etc.). Mulheres ribeirinhas residentes dos ambientes insulares da cidade de Belém/PA - Combu e do Murutucum. Suas vivências são refletidas em seus ritos de curas tradicionais, pautados nos usos de seus conhecimentos botânicos e crenças coletivas e individuais. O objetivo primário do trabalho é situar o leitor para o cenário de cura vivenciado por estudos em populações tradicionais na Amazônia e a partir desse ponto expor o contexto religioso das ilhas, suas diversidades de crenças, mudanças e tensões que influem nos ritos de cura dessas senhoras. Pela análise de dados percebeu que as religiões permeiam suas práticas curativas, que são constantemente confrontadas por novos movimentos religiosos que se expandem vertiginosamente pelos setores periurbanos da capital paraense.

**Palavras-chave:** ribeirinho; especialistas; Amazônia; religião; cura.

---

\* Graduado em Administração (UNAMA) Mestre em Ciências da Religião (UEPA) Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (UFPA). E-mail: leonardo.santos@uepa.br.

\*\* Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Graduação em Biomedicina (UFPA), Mestrado em Agronomia (UFRA), Doutorado em Ciências Biológicas (IMPA), Pós-Doutorado na Universidade de Coimbra. E-mail: copaldoc@yahoo.com.br.

\*\*\* Universidade do Estado do Pará, Programa de pós-Graduação em Ciências da Religião. Pós-Doutorado em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA), Pós-Doutorado no CeSor/EHESS/CNRS, Pós-Doutorado no PPGFIL UEPA, Doutorado em Ciências da Religião, UMESP. E-mail: manelmoraes@uepa.br

\*\*\*\* Professor Emérito da Universidade Federal do Pará, Bolsista 1B do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq.). Bacharel e licenciado em História (1962) pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Antropologia (1977) pela Universidade de Brasília, Doutor em Antropologia Social (1987) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional. E-mail: hmaues@uol.com.br.

## Healing specialists and their holy worlds

### Abstract

The article was constructed by the eyes of three local specialists – Catarina, Mariquinha and Eliana (healers, midwives, remediators, benzedoras etc.). Riverside women living in the island environments of the city of Belém/PA - Combu and Murutucum. Their experiences are reflected in their rites of traditional healings, based on the uses of their botanical knowledge and collective and individual beliefs. The primary objective of the work is to situate the reader for the healing scenario experienced by studies in traditional populations in the Amazon and from this point to expose the religious context of the islands, their diversity of beliefs, changes and tensions that influence the healing rites of these ladies. By data analysis, he realized that religions permeate his healing practices, which are constantly confronted by new religious movements that expand rapidly through the periurban sectors of the capital of Pará.

**Keywords:** riverside; experts; Amazon; religion; cure.

## Especialistas en sanación y sus mundos sagrados

### Resumen

El artículo fue construido a través de los ojos de tres expertas locales – Catarina, Mariquinha y Eliana (curanderas, parteras, curanderas, curanderas, etc.). Mujeres ribereñas residentes en los ambientes insulares de la ciudad de Belém/PA - Combu y Murutucum. Sus experiencias se reflejan en sus ritos tradicionales de curación, basados en el uso de sus conocimientos botánicos y creencias colectivas e individuales. El objetivo principal de la obra es ubicar al lector en el escenario de sanación que experimentan los estudios en poblaciones tradicionales de la Amazonía y a partir de ahí exponer el contexto religioso de las islas, sus diversidades de creencias, cambios y tensiones que inciden en la sanación. ritos de estas damas. . A través del análisis de datos, se dio cuenta de que las religiones permean sus prácticas de curación, que constantemente se enfrentan a nuevos movimientos religiosos que se expanden rápidamente por los sectores periurbanos de la capital de Pará.

**Palabras clave:** habitantes del río; especialistas; Amazonas; religión; curar.

### Introdução

Os estudos sócio ambientais na Amazônia é um desafio para todas as áreas do conhecimento. A diversidade ambiental da qual se pode deduzir a existência de várias formas de vida humana, força as ciências do ambiente e das humanidades a ampliarem seus leques teórico-metodológicos a fim de se entender as dinâmicas de socialização e de se compreender as dimensões de ontogenia da cultura local.

No primeiro ciclo de estudos antropológicos da religião na Amazônia, as expressões das religiosidades amazônico-paraenses foram destacadas como

distintas a um certo e hipotético horizonte étnico denominado “caboclo” (MAUÉS, 2005). “Caboclo” seria um termo categórico de convergência mínima das expressões multiculturais adensadas no bioma amazônico. Claro, ritos, mitos e narrativas teriam um mínimo identitário resultantes de diálogos e interlocuções culturais nos quais as tensões sangrentas foram bastante decisivas. Avançando para além de uma etnologia cabocla, João de Jesus Paes Loureiro (2001) percebeu que na Amazônia o imaginário e os tecidos narrativos estão difundidos em novas práticas de narração, ritualidades etc.

Para Paes Loureiro, estas dinâmicas podem ser entendidas como criações semióticas. Os habitantes da região tecem suas narrativas e seus ritos, mesmos que ambientes multiétnicos, sempre a partir da memória cultural, da dinâmica sociocultural e da “presença vital” (para além do aspecto utilitário) das águas e das matas. No âmbito dessa reflexão, pode-se concordar com Philippe Descola (1992) quando afirma que cultural não é um momento ou dimensão de distinção da natureza. No contexto Amazônico e em interlocução teórica com Paes Loureiro e escola, se pode afirmar então que as culturas são transparências de modos de vida situados em ambientes específicos, isto é, são mundos de vida moldados a partir de seus respectivos ambientes.

Neste artigo foram descritas e analisadas as dinâmicas de cura e suas especialistas sob o jogo categórico tanto das ciências humanas (antropologia cultural, ciências da religião etc.) quanto das ciências da natureza (etnobotânica). Ambiente, práticas curas, narrativas, expressões de encantarias, laboração da cura, testemunhos das curandeiras e notações sobre conflitos religiosos fazem parte da compreensão do ambiente no qual este estudo se dedicou.

## **Metodologia**

### **2.1 Área De Estudo**

Acerca de 20 min da grande Belém, estado do Pará, encontram-se as ilhas do Combu, 01°29'20” S e 48°25'54”W e do Murutucum, 1°29'22.2” S e 48°25'38.9” W (Figura 1). O Combu possui uma área de 15.972 Km<sup>2</sup> de extensão, instituída como Área de Proteção Ambiental APA<sup>1</sup>, e está situada

---

<sup>1</sup> Lei estadual nº 6.083, de 13 de novembro de 1997, dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu no Município de Belém. O objetivo de uma APA é criar uma unidade de conservação do uso sustentável de uma parcela de seus recursos naturais (BARRETO, 2019).

ao norte pelas margens do rio Guamá, ao sul pelo furo<sup>2</sup> São Benedito, à leste pelo furo da Paciência e à Oeste pela Baía do Guajará (IDEFLOR-BIO<sup>3</sup>). A ilha do Murutucum abriga cerca de 140 famílias em um ambiente insular circundado por vegetação de várzea, assim como o Combu, onde se realiza a extração do açaí e cacau e pupunha; se cultivam hortaliças, mandioca entre outros recursos (DE LIMA *et al.*, 2010, p.02).

A formação natural de terra rodeada por rios compreende o ecossistema de várzea, alagável em determinado período do ano, e influenciado diretamente pelo regime das águas que abrange os rios Bijogó, Guamá e Acará, o furo da Paciência e os igarapés do Combu e do Piriquitaquara. A vegetação é constituída por floresta ombrófila aluvial, com topografia de várzea baixa e alta. O clima é do tipo Am (Classificação de Köppen), com pluviosidade média anual de 2.500 mm e temperatura de 27°C (JARDIM, 2009). A várzea apresenta áreas de floresta mais conservadas (com predominância de cipós e árvores originais, de porte elevado), sub-bosques com frutíferas e cultivadas; e outros ambientes bastante antropizadas pelo cultivo em grande escala do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) e turismo.

Com uma população estimada em aproximadamente 1.500 habitantes, a economia da ilha do Combu é baseada no turismo, pesca (Filhote, Pescada Amarela e camarão) e extrativismo vegetal (açaí, cacau, cupuaçu e palmito) (IDEFLOR-BIO, 2017). Trata-se de uma região insular que preserva traços e características de identidade cultural ribeirinha, com modo diferenciado de viver e entender a natureza (RIBEIRO, 2010, p.43).

## 2.2 Seleção das comunidades e dos informantes

A seleção dos especialistas locais foi o ponto de partida para a construção dos primeiros diálogos com a comunidade. Para encontrá-las foram inicialmente realizadas visitas exploratórias e vivências com o intuito de percorrer os caminhos pelo rio, moradias de amigos e vizinhos, igrejas, posto de saúde e agentes comunitários. Verificou-se que as especialistas são pessoas ativas e mobilizadoras, que costumam empregar plantas em suas

---

<sup>2</sup> São simples braços de rio sem nascentes próprias e eles ramificam-se interminavelmente, entrelaçam-se, produzem verdadeiras teias, na medida em que neles desembocam vários igarapés (PAES LOUREIRO, 2001).

<sup>3</sup> Entidade de direito público, (...) busca exercer a gestão das florestas públicas visando a produção sustentável e a preservação da biodiversidade, incluindo entre suas funções a gestão da política estadual para produção e desenvolvimento da cadeia florestal (<<http://ideflorbio.pa.gov.br/quem-somos/>>)

curas tradicionais; são referências na ilha como rezadeiras, remedieiras e benzedeiros, dentre outras designações dadas localmente, em contextos de crença, fé etc., para qualquer perfil religioso ou de religiosidade.

A escolha dos interlocutores ocorreu por amostragem não probabilística, empregando a técnica bola de neve (BAILEY, 1982), que consistiu em solicitar informações a moradores locais acerca das pessoas que possuíam a expertise ou um dom, reconhecido socialmente, para curar e ritualizar com plantas e religiosidade.

A seleção das três senhoras que serão aqui apresentadas, Catarina, Eliana e Mariquinha, levou em consideração a disponibilidade de cada uma, a história de vida, a relação com a religião, os ritos de cura e o tempo hábil para desenvolver a pesquisa.

## 2.3 Procedimentos éticos

Para o melhor convívio e elucidação da pesquisa com a comunidade e as especialistas, foi inicialmente apresentada a proposta do estudo para que todos os envolvidos concedessem anuência para posterior execução. Após essa etapa foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido<sup>4</sup> para as pessoas que aceitaram participar pesquisa de forma voluntária. Este trabalho integra o projeto intitulado: “Natureza, Cura e Práticas Religiosas: um estudo sobre a medicina popular na ilha do Combu, Belém, Pará”, encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, através da Plataforma Brasil, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE: 13011519.2.0000.5174, e aprovado - parecer: 3.438.871.

## 2.4 Coleta de Dados

Entre os meses de março de 2018 a julho de 2019 ocorreram as visitas a Ilha do Combu para o conhecimento do local, das pessoas, construção das primeiras vivências e observação não participante (Marconi e Lakatos, 2010; Albuquerque, Lucena e Alencar, 2010). Para a auxiliar a observação participante foi elaborado um diário de campo com gravações e registros fotográficos, fundamentais na documentação cronológica das vivências experimentadas (MARCONI; PRESOTTO, 2017, p.15). Os registros de caderno de campo e as falas de entrevistas, depois de transcritas, foram submetidas a técnica de análise de conteúdo, cumprindo as etapas

---

<sup>4</sup> O Termo de Consentimento Livre Esclarecido deve ser baseado na Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012, Ministério da Saúde (Brasil, 2012).

estabelecidas por Bardin (2010), quais sejam: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

As entrevistas com as especialistas aconteceram de duas formas, 1. dirigidas, quando se segue um roteiro preestabelecido; 2. não dirigidas, quando possui conotação informal, sem roteiro prévio, e o entrevistado tende a manifestar suas ideias de forma espontânea. (MARCONI; PRESOTTO, 2017, p.15). Um roteiro foi previamente elaborado para o tema. Priorizou-se nesses momentos as conversas dialogadas, que aconteciam conforme a condução dada pela pessoa entrevistada, privilegiando a visão do indivíduo local, ou seja, como ele se percebe no grupo (NETO; DO AMARAL, 2011, p.502). As perguntas versaram sobre religião, ritos de cura e crenças, e se configuraram nos seguintes questionamentos: Quem são as especialistas? Como a religião está inserida na cura? Quais os ritos de enfrentamento da doença?

### **3. Ambiente, cultura e religião na amazônia: notações prévias**

Os estudos sobre crenças e saúde nas áreas insulares da metrópole belenense destacou um *ethos* sob um prisma teórico-anropológico que Eduardo Galvão (1995) destacou categoricamente pelo termo “caboclo amazônico”. Não seria por menos. A Amazônia manifesta expressões sócio-culturais onde seus aspectos semânticos são resultados de uma ontogenia resultante de uma adaptabilidade ambiental somada sempre a entrecruzamentos culturais de populações rurais, ribeirinhas, de maré, ameríndias, urbanas, de quilombo etc. Logo, há perspectivas culturais com matizes diversas, mas que reconhece o habitat Amazônico como *locus* identitário fundamental dos modos de vida nessa Amazônia antropogênica<sup>5</sup> (MAGALHÃES, 2016).

Em vistas a uma maior compreensão onto-significativa e funcional-coletiva, a pesquisa aconteceu de forma cooperativa com pessoas reconhecidas em suas regiões por suas intensas contextualidades religiosas e por suas importantes atuações especializadas na saúde coletiva. Estas expressões socio-

---

<sup>5</sup> Relação humana estabelecida sobre a seleção e distribuição de espécies vegetais usadas e manejadas por populações nativas desde milhares de anos atrás. A antropização da Amazônia teria começado há muitos milênios, por populações que não praticavam sequer uma economia agrícola intensiva. Elementos da flora amazônica foram distribuídos e manejados por populações humanas pré-colombianas. Essa ação tornou-se fundamental para a fixação humana na região, levando a construção de florestas antropogênicas (MAGALHÃES, 2016).

culturais do sagrado e do bem-estar estão implicadas com outras esferas da cultura<sup>6</sup>, todavia, nesta investigação, a observação focou as esferas culturais da saúde e da religião como as mais importantes para este estudo. O conjunto de práticas de saúde associadas às rezas, orações, benzeções, puxações, partejos, e que, vale destacar, sempre expressas ao lado largos saberes sobre recursos naturais, tem íntimas relações com aquilo que comumente se denominou na Amazônia de pajelança. Para o Antropólogo Raymundo Heraldo Maués,

Entre as várias medicinas populares praticadas no Brasil, tenho estudado especialmente a chamada “pajelança cabocla”, muito popular sobretudo na Amazônia Rural, composta por um conjunto de práticas de cura xamanística, com origem em crença e costumes dos índios Tupinamba, sincretizados com contato com o branco e o negro, desde pelo menos da segunda metade do século XVIII. (MAUES, 1999, 195).

As protagonistas de saúde e religião que cooperam com este estudo são residentes das Ilhas do Combu e Murutucum, regiões insulares ligadas ao município de Belém, capital do estado do Pará – área com paisagens ambiental e socioantropológica do tipo ribeirinha e de maré (DIEGUES, 1998). O estudo foi pautado num conjunto de relações estabelecidas com essas pessoas a fim de se observar e interpretar no horizonte das Ciências da Religião, as mais variadas crenças e práticas de cura com a fé, relevando sempre o ciclo adoecimento/diagnóstico/experimentação/tratamento/cura. Em meio aos cuidados com a saúde outros aspectos são evidenciados, como as tensões culturais e religiosas, diversidade de crenças, mudanças dos cenários ambientais e dos comportamentos dos moradores.

Nas ilhas do Combu e do Murutucum manifesta-se uma dimensão distintiva do macrofenômeno sociocultural brasileiro. A pluralidade étnica é a dimensão humana com constitutivos marcantes para a formação e atualidade da diversificada população local e se refletem nos componentes da biodiversidade. A etnofarmacóloga Maria T. L. de A. Camargo (2014,

---

<sup>6</sup> A sociologia da religião de Max Weber (2006) atribui à religião um status de “um modo de racionalidade” enquanto à economia, ética, ciência, erotismo etc. é atribuída o conceito de esfera cultural. Contudo, pode-se averiguar conceitualmente e sob a consideração investigativa de campo que Durkheim denominou de fato social, a importância da religião nas dinâmicas como um ator esférico-cultural. Logo, com Weber e além-de-Weber, podemos afirmar que a religião não só contribui para o tecimento de modelo de racionalidade como também atua como uma esfera cultural protagonizadora para as dinâmicas sociais (MORAES JUNIOR, 2016).

p.220) destacou que os manejos botânicos tão marcantes e comuns ao ambiente são consequências de intensas interrelações históricas entre grupos étnicos distintos. Por isso, afirmou que:

Historicamente, sabemos que, resultante das interrelações culturais entre as três principais matrizes influenciadoras – a portuguesa, indígena, africana – na formação do *Ethos* brasileiro, a medicina popular como parte integrante desencolhida no Brasil a partir do século XVI, vem se mantendo uma medicina de contorno essencialmente mágico-religioso (CAMARGO, 2014, 220)

Tal percepção se ancora nas ideias de Darcy Ribeiro (1995; 2017) que apresentou o povo brasileiro como um ordenamento social acontecido sob um pluralismo étnico e, do ponto de vista cultural, em intenso sincretismo<sup>7</sup>. Isso implica que de um ponto de vista onto-bio-genético, Darcy Ribeiro compreendeu que a dinâmica cultural e religiosa no Brasil é resultado de um aprofundamento das raízes sociais nos seus ambientes o que implicaria no revigoramento de seus costumes. As suas práticas desatariam contínuos empréstimos e ressignificações de mitos e ritos de muitos povos que estão entrelaçados socialmente, além de destacar fatores fundamentais da diversidade intercontinental para a construção do cenário religioso brasileiro – relembando os horizontes populacionais de raízes macro étnicas advindas de regiões euro-norte-africanas, dos diversos grupos ameríndios locais e de coletivos étnicos vindos forçosamente do continente africano. Estes elementos implicaram numa agregação de saberes que ampliou as noções locais de comportamento, alimentação, tecnologias, trabalhos linguagens e saberes – inclusive, os de saúde. De modo elementar, afirmou Darcy Ribeiro que

A cultura popular, assentada no saber vulgar, de transmissão oral, embora se dividisse em componentes rurais e urbanos, era unificada por um corpo comum de compreensões, valores e tradições de que todos participavam que se expressavam no folclore, nas crenças, no artesanato, nos costumes e nas instituições que regulavam a convivência e o trabalho. (RIBEIRO, 1995, p. 263)

Enfoques sobre diversidade e regionalidade de saberes e de suas respectivas práticas socioculturais ganharam um destaque científico no

---

<sup>7</sup> Vale destacar os estudos do Antropólogo Ferretti sobre o desdobramento do conceito de sincretismo e suas implicações tanto para os estudos acadêmicos quanto para as comunidades religiosas no Brasil. (FERRETTI, 2013)

Brasil sobretudo com a institucionalização e o amadurecimento das Ciências Humanas nas universidades locais<sup>8</sup>. Na Amazônia, este enfoque ganhou notoriedade ainda mais na produção científica sobretudo a partir dos trabalhos de Eduardo Galvão, Napoleão Figueiredo, Vicente Salles, Raymundo Heraldo Maués, Aldrin Figueiredo, Angélica Mota Maués, Anaíza Vergolino e Paes Loureiro. Dentre os vários intelectuais do *Panteon* acadêmico da Amazônia paraense, tem destaque reconhecido Eduardo Galvão como intelectual marcante para o debate acadêmico concernente aos estudos sobre as expressões religiosas no Norte do Brasil. Eduardo Galvão (1955) em seus estudos pioneiros com povos tradicionais da região amazônica, revelou a diversidade, a integração, a transformação e a dinamização das religiosidades amazônicas pelos povos que habitam a região. Dos horizontes social, religioso, regional e cultural, são destacados pelo antropólogo o catolicismo trazido da Europa, as práticas étnico-culturas advindas da África e as crenças locais de maioria ameríndias. Para Eduardo Galvão, “o vale era habitado por considerável massa indígena, a que se mesclaram portugueses e um pequeno contingente africano. Dessa amalgama resultou uma cultura regional, em que reportam com mais intensidade do que em outras regiões brasileiras, as tradições ameríndias. Entre os aspectos que distinguem a cultura do habitante rural da Amazônia, escolhemos para descrever a vida religiosa. Não apenas pelo que ela possa contar de local, de peculiar à Amazônia, porém pela função que representa na estrutura dessa sociedade rural” (1955, 3).

Avançando em direção às pesquisas mais detalhadas nas ciências ambientais sobre o campo intercultural amazônico, as pesquisadoras Lucas, Gurgel e Lobato pontuaram culturas e grupos sociais amazônicos de um modo mais minudenciado:

Povos e comunidade tradicionais na Amazônia são grupos culturalmente diferenciados, representados por ribeirinhos, agricultores familiares, indígenas, extrativistas, seringueiros, andirobeiros, catadores, raizeiros, benzedeiros, parteiras, quilombolas dentre outros, que possuem formas particulares de organização, ocupação de território, uso dos recursos naturais e geração de serviços (LUCAS; GURGEL; LOBATO, 2017, p. 17).

---

<sup>8</sup> Confira o trabalho MOTA, G. [et. al.]. Caminhos e lugares da Amazônia: ciência, natureza e território. Belém: GAPTA/UFPA, 2009.

O cenário cultural na Amazônia é tecido com intensa afinidade ao seu ambiente, à sua circunscrição natural (VIVEIROS DE CASTRO, 1996). Deste modo, é possível observar que a dimensão ambiental é fundamental para a gênese e ontologia das culturas locais. Claro, esta é uma prerrogativa antropológico contemporânea a partir da qual resulta da observação de que todas as culturas têm um íntimo modo de relação com a natureza, algo *sine qua non* para a existência humana (DESCOLA, 1992). Observando minuciosamente as inter-relações étnicas tão plurais na Amazônia, Heraldo Maués (2005) destacou que o catolicismo popular, a pajelança e as crenças nos encantados, como também a forte presença das religiões afro-brasileiras, proporcionaram em conjunto importante modulação da relação entre as diversas culturas religiosas: “o padrão usual de pensar é muito menos dicotômico – muito mais holístico” (MAUÉS, 2012, 51). Deste modo, o perspectivismo é uma disposição cultural que vai além do que se observou entre os ameríndios. Assim, em passos seguintes, aprofundou-se a discussão sobre culturas, ambientes e religiões amazônicas, relevando sempre a etnodiversidade regional arquitetada pela presença de várias populações no território amazônico que, por suas vezes, carregam consigo formas particulares de organização social e de patrimônio biocultural.

Ao lado dessa diversidade étnica indígena, temos populações regionais não índias, entre as quais se incluem também algumas categorias étnicas – caboclos, seringueiros, pescadores, camponeses, garimpeiros, ribeirinhos, negros remanescentes de quilombos, urbanistas, pessoas de todas as classes e categorias sociais – que portam uma diversidade muito grande de formas de organização social e de patrimônio cultural que, por sua vez, também merecem todo o respeito (MAUÉS, 1999, 58).

Maués apresenta em seus estudos antropológicos uma Amazônia plural como um universo que abriga diversidades de povos e tradições, mas que tal diversidade não pode ser entendida do ponto de vista restritamente cultural, ou seja, a partir de uma singularidade antropocêntrica ou cultural cêntrica. Não se trata somente das diversidades étnicas, culturais e suas respectivas origens territoriais que constituem a vertebra dorsal das diversidades humanas na Amazônia. O tipo de envolvimento que os povos locais estabelecem com o seu mundo e com seus entes naturais, tais como a água, vegetação, animais, solo e outros, é algo que favorece um apego afetivo e histórico do ser humano com o mundo vivido. As culturas revelam assim que todos os

elementos existentes no entorno deixam de ser coisas isoladas e assumam a qualificação afetiva, que têm existência e sentido vital de um cosmo simbólico - uma espacialidade intensamente significativa. Um mundo onde entes não humanos têm protagonismo em ritos, narrações, normas etc.; um mundo onde plantas, animais, terra e céus são dinamicamente orquestrados; um universo de modulação ontológica própria onde sobressaltam seres encantados com aspectos corporais e anímicos capazes de afetarem a vida.

Ambientes e culturas se entrecruzam de modo que as suas inúmeras distinções não justificam algo que possa sugerir que uma forma de vida humana seja autônoma à natureza. À contrapelo, aprofundando a discussão sobre a religião na Amazônia e ao estabelecer o conceito “ambiente” como uma categoria axial a mais para a compreensão das dinâmicas interculturais e inter-religiosas na região, pode-se esperar que os estudos sobre o sagrado e práticas míticas e rituais, ganhem percepção mais alargada. O ambiente de floresta tropical úmida que sustenta a vida de espécies biológicas, além de confluir num percurso hídrico de rios, furos, igarapés, regimes de marés etc., é o estofa para ações e significações de culturas - inclusive aquelas com traços migratórios. Logo, elementos da natureza estão presentes nos modos de vida, no imaginário – algo importante para os habitantes nortistas quando se observa o compartilhamento, a recriação, a intervenção e a expressão de sua rotina de modo narrativo (PAES LOUREIRO, 2001, p.99). Assim, na dinâmica natureza e cultura, a religião é uma forma de exprimir a vivência e demonstrar a importância das dinâmicas identitárias bioculturais nos seus respectivos modos de ações (MORAES JR, 2017, p.167).

Em meio a esse ambiente biocultural no qual se perfaz a experiência religiosa, se encontram aspectos coletivos que resultam em saberes culturais a partir de experimentações e observações no manejo dos recursos encontrados na natureza. Ribeirinhos, seringueiros, castanheiros, pescadores etc. são modos culturais de vida conhecidos a partir de suas práticas ambientais de socioeconomia tradicional (BARRETO, 2019). Deste modo, considerando estes contextos, a religiosidade e o conhecimento curativo têm importância e relevância, a ponto que seus ensinamentos ganham trajetória ancestral. Doenças, ritos, normas etc. são elementos presentes na rotina de vida e imbricados em uma medicina tradicional (DA COSTA; MORAES, 2017, p.52). O tratamento pode ser uma prática místico-religiosa, preso a um universo sacralizado e controlado por forças sobrenaturais – de certa forma responsáveis pelo aparecimento e pela cura das doenças do corpo e do espírito (DOS SANTOS; DIAS; MARTINS, 1995, p.222).

Os tratamentos são exercidos, em muitos casos, por pessoas de vasto conhecimento cultural. Saberes rituais e botânicos se entrecruzam como aqueles que são capazes de tratar das enfermidades (MAUÉS, 1990, p. 178). Camargo (2014, p.214) identificou que os protagonistas da arte de curar podem ainda ser conhecidos por raizeiros, curandeiros, benzedeiros, rezadores, pajés e mães de santos, pajés e pajoas, juremeiros e outros. Estes especialistas de tantos nomes são intensos de memórias de tradições; são exímios criadores de receitas para o tratamento de diferentes males. Esta dinâmica de memória e experiências são conhecimentos dinâmicos protagonizados por pessoas nem sempre tão jovens, mas que por isso mesmo são hábeis em mudanças, experimentações e histórias (MACIEL; NETO, 2006, p. 64).

Nessa contextualização religiosa, encontram-se hoje na ilha do Combu e do Murutucum repertórios de cura tradicionais, geralmente protagonizadas por especialistas reconhecidas localmente pelos tratamentos e cuidados com a saúde e bem-estar. As protagonistas do estudo, a Sra. Catarina, a Sra. Eliana e a sra. Mariquinha, carregam histórias de vida singulares, experiências e modos de cura indissociáveis de suas expressões religiosas, de seus laços ancestrais e de seus ambientes. Essas senhoras são referências na região, inclusive elas são citadas por profissionais de saúde governamental que atuam nas ilhas. Exercem importante função social no acolhimento de enfermos e por inspirarem confiança para o enfrentamento de doenças, atendendo pessoas de lugares distintos e de variados credos. O saber e a atenção dispensados a pessoas de diversas comunidades são testemunhados de êxito. A despeito disso, seus tratamentos são questionados, muitas vezes avaliados como inválidos ou ultrapassados.

Num período de aproximadamente 15 anos várias igrejas pentecostais surgiram nas duas ilhas trazendo grandes mudanças na paisagem. Além disso, houve avanço do mercado de turismo, com a presença de novos restaurantes; intensificação da produção de cacau e açaí; e especulação informal de um mercado imobiliário ilegal. Quando à dinâmica religiosa, tal como apontou Maués (1999), o movimento pentecostal avança com força no cotidiano desses povos amazônicos. Há intensa disseminação de novos templos e muitas destas igrejas implantadas recentemente têm suas mensagens voltadas para a cura de doenças através do exorcismo e do poder do Espírito Santo. Suas celebrações acontecem dentro de templos e são caracterizadas por orações, performances corporais, expressões glossolálicas e uso do livro sagrado cristão – a Bíblia. Esta investida causa inclusive um choque entre o pentecostalismo tradicional

e os que chegam nos últimos dez anos. Sobre o pentecostalismo ontogênico na Amazônia paraense, segundo as ideias de Rodrigues e Moraes Jr. (2018), significa uma expressão pentecostal reinventada em linguagens simbólicas de grupos sociais que articulam em suas cosmovisões expressões de encantarias, visagens e pajelanças.

#### **4. Apresentação do cenário de cura**

O ambiente das ilhas de Combu e a do Murutucum são predominantemente de maré em áreas fluviais e de florestas antropizadas (CIRILO, 2013). A sazonalidade de rios entre cheias e secas tem um fluxo temporal e ambiental bastante diferente aos daqueles regidos pelos ciclos temporais que são influenciados pelo mar. Os ciclos de marés são diários. Nestas insulares, a vida é regida pelas águas e o fluxo de maré conduz a paisagens constantemente criadas e recriadas. Os rios que compõe a baía do Guajará e do Marajó têm as águas vistas como fundamentais para a fertilização do solo sobretudo nos momentos da vazante; têm presença simbólico-fundamental ou estrutural da vida<sup>9</sup>. A sazonalidade destes ritmos pode representar a morte, o fim, quando cobrem a terra; como também podem representar a vida, a fertilidade, quando diminuem o seu volume sobre as terras e as transformam em intensos espaços férteis. Terra, águas, plantas, sol, lua e animais, são as dimensões fundamentais para a existência inclusive cultural das comunidades locais.

A plenitude da vida local é relatada pelas especialistas quando o momento é o de rio baixo e quando os ciclos das marés não são tão altos. Entre os meses de janeiro e maio, há maior intensidade de maré – época em que grande parte da ilha fica horas submersas nos grandes rios (SILVA, D, J, L.; CARVALHO, B, M. 2010). A morte acontece quando os rios enchem por

---

<sup>9</sup> Para justificar a ideia da água como símbolo fundamental recorre-se à teoria do símbolo e do imaginário em Gilbert Durand – um pensamento com profundas raízes na epistemologia de Gaston Bachelard e, de uma forma larga, pode-se afirmar também que ele se deixou orientar pelos estudos das ciências biomédicas russas e também dos estudos literários e míticos. Para o antropólogo francês, “Não são outra coisa senão os mais primitivos conjuntos sensorio motores que constituem os sistemas de ‘acomodações’ mais originários na ontogênese e aos quais, segundo a teoria de Piaget, se deveria referir toda a representação em baixa tensão nos processos de assimilação constitutivos do simbolismo” (1989, p.34). Sob este horizonte reflexivo que Paes Loureiro discutirá o imaginário amazônico explicando a existência de íntimas relações entre os ambientes florestal e fluvial e as narrativas e outras práticas culturais. Os rios e matas são consideradas dimensões elementares de onde emergem o sentido da vida humana (PAES LOUREIRO, 2015).

causa das chuvas e dos ciclos mais intensos de marés. É a época de maior erosão das terras. O volume de água cobre grande parte da ilha deixando os quintais de várzea submersos – sobretudo, as ervas rasteiras e as plantas medicinais como arruda, catinga de mulata e amor-crescido. Segundo a especialista Sra. Catarina, é a época em que “a água cresce em cima da terra”. Nas outras épocas, a altura dos rios é menor e com menos impacto destrutivo para o plantio e esse momento é propício ao cultivo de plantas alimentícias como cacau e açaí; e de plantas medicinais tais como borboleta, amor crescido, japana, pião roxo, mucuracaá e pirarucu.

Tal como se justificou na primeira parte deste trabalho, pode-se afirmar sobre uma ontogenia sociocultural das religiões e das culturas na ilha do Combu e Murucutum. Famílias e comunidades assentadas ou tradicionais têm as suas rotinas adequadas àquele cenário insular com impactos sazonais de maré. Há um planejamento e comportamentos adaptados para locomoção, produção alimentar, planejamento da alimentação, ações de saúde etc. Condutas que giram em torno de um conhecimento tradicional continuamente construído por transmissão, intuição e experimentação de elementos naturais. A fé, a crença, a sabedoria, a experiência e os conhecimentos botânicos estão presentes nos tratamentos recomendados pelas três senhoras, são saberes que na linguagem de Lévi-Strauss podem ser reconhecidos como ciências do concreto (TAYLOR, 1977; LEVI-STRAUSS, 1989, pp. 15-50) – com classificações e aplicações fundamentadas em lógicas narrativas e representativas próprias (significação e classificação), dinamizados em ritos que lhe são tradicionais e com atualidades (função e eficácia) segundo técnicas de bricolagens (criação e recriação).

Na perspectiva abordada anteriormente, o restabelecimento de um corpo saudável pode ser alcançado com oração e remédios caseiros – inclusive, e associado com medicamentos farmacêuticos sintéticos. Portanto, a cura pode acontecer até mesmo de forma integrada entre saberes populares e saberes biomédicos – tendo em vista que acontecem pela experimentação de pajés, curandeiras, rezadeiras, remedieiras, parteiras, etc. com aqueles que se observou a partir de práticas biomédicas, uma experiência abrangente de bricolagem de saberes<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Podemos entender a bricolagem quando o antropólogo francês Lévi-Strauss afirma que “sempre a meio-caminho entre o esquema e a anedota, o gênio do pintor consiste em unir conhecimento interno e externo, ser e devir; em produzir com seu pincel um objeto que não existe como objeto e que, todavia, sabe criar sobre a tela: síntese exatamente equilibrada de uma ou de várias estruturas artificiais e naturais e de um ou vários fatos naturais e sociais”. (LÉVI-STRAUSS, 1989, 42).

As senhoras que tratam da saúde tradicional atuam de forma intensa, multicultural e dinâmica. A capacidade de entender quando e como cada elemento, seja vegetal, animal, sintético etc. pode ser utilizado estando continuamente alocados em seus mundos de cura. Estes sistemas de curandeirismo são abertos e sofrem influências diversas, mas com abrangência de três dimensões fundamentais: I. o conhecimento tradicional e até mesmo ancestral de plantas, II. o manejo de práticas e saberes religiosos, e III. saberes vindos de outros lugares - inclusive urbanos. As formas de conduta terapêutica e o aprendizado com outras culturas causou modificações nesses saberes tradicionais. O crescimento dos movimentos evangélico-pentecostais recentes criou uma situação social na qual os costumes médicos com plantas e rezas perderam progressivamente presença nos modos locais de vida. Em janeiro de 2020, a atual disposição geográfica de templos religiosos na Ilha do Combu mostrou com base no mapeamento feito nesta pesquisa, que há dois templos católicos e sete evangélicas. As igrejas evangélicas são: Assembleia de Deus (quatro templos), Igreja Pentecostal Deus é Amor (um templo), Igreja Pentecostal Luz de Cristo (um templo) e uma igreja sem nome e denominação (um templo) – mas composto por fiéis que se auto reconhecem evangélicas e pentecostais.

Sobre o pentecostalismo local, alguns aspectos sociorreligiosos precisam ser compreendidos. O movimento pentecostal com maior expressão, expansividade nacional e grandeza institucional (denominacional) é o da Assembleia de Deus - que nasceu no Pará em 1911 e que durante os seus mais de cem anos de existência se expandiu por todo o Brasil. O crescimento das Assembleia de Deus no Brasil aconteceu inicialmente por um processo contínuo de evangelização e de migrações das populações do Norte e Nordeste em direção ao Sul e Sudeste – um deslocamento que ia de regiões com menor desenvolvimento industrial e comercial para as de índices econômicos e produtivos mais avançados (ALENCAR, 2013). Anos após o crescimento econômico dos anos de 1970, sobretudo aquele que se concentrou nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o poder econômico e político exercido pelo Sudeste em relação ao Norte e Nordeste se refletiu também no modo de expansão de uma cultura industrial e religiosa. Numa reviravolta de fluxos culturais, as igrejas pentecostais sedimentadas e institucionalizadas no sudeste brasileiro se expandiram para o restante do Brasil, inclusive para o local ao qual o pentecostalismo brasileiro nasceu (RIVERA, 2003).

Num fluxo contrário aos das migrações, a evangelização pessoal e midiática das igrejas pentecostais do Sudeste trouxe ao Norte nos últimos anos uma fé associada a ética da prosperidade capitalista. Assim, duas tradições pentecostais se encontram na ilha do Combu e na de Murutucum: a cultura pentecostal cultivada por famílias locais e a cultura pentecostal associada a Igrejas e Mensagens vindas pela mídia e por pregadores influenciados pelas igrejas pentecostais do sudeste brasileiro. A chegada do pentecostalismo mais associado à prosperidade capitalista veio ao mesmo tempo da intensificação do turismo, da abertura de restaurantes, da produção extensivo-agrícola de açaí e cacau, do consumo de eletrodomésticos, da vinda de novos habitantes que fizeram uso do comércio imobiliário nesta área de proteção ambiental. Este é o momento também no qual acontece a expansão de um pentecostalismo abrangente que se sobrepõe ao pentecostalismo tradicional - àquele com traços regionais (RODRIGUES; MORAES JR, 2018).

Mesmo com o aumento de igrejas evangélicas na região, as tradições culturais de cura com teor religioso ainda são bastante fluentes e importantes no cotidiano local de saúde e para o fortalecimento da solidariedade entre os moradores das ilhas<sup>11</sup>. Estas normas não são fixas, são dinâmicas e agregam experiências, saberes e crenças de diversas culturas e religiões ao instante em que novas demandas de cuidado requerem novas formas de remédios, milagres, rezas, orações etc. O entrelaçamento de religiões sempre foi comum aos mundos ribeirinhos de marés. As especialistas de Combu e Murutucum são consideradas pessoas diferenciadas por suas vocações. Em concepção mais larga no contexto da cultura amazônica, foram “escolhidas” por uma dádiva hierofânica<sup>12</sup>, por isso, são possuidoras de uma missão enviada por Deus, por santos, orixás, caboclos ou outras divindades até mesmo encantarias.

Catarina (Católica), Eliana (Assembleia de Deus), Mariquinha (afinidades com a Assembleia de Deus) construíram seus conhecimentos de formas distintas, mas sempre com fortes influências religiosas, repertórios e dispostas continuamente a um aprendizado com outras experiências de cura. Mesmo que as novas igrejas pentecostais tenham uma influência cada vez mais importante no entendimento à cura nas ilhas, as especialistas locais ainda são vistas com respeito nas necessidades de saúde e combate a diversos males.

---

<sup>11</sup> Com Durkheim (1996) pode-se observar que os ritos não só atualizam as práticas tradicionais numa cultura como também fortalecem os laços de integração social.

<sup>12</sup> Para uma maior compreensão dos conceitos de dádiva e hierofania, confira os trabalhos de Paulo Henrique Martins (2012) e Mircea Eliade (2010).

## 5. Especialistas de cura

O trabalho do cuidar praticado pelas especialistas vai além do binômio doença-saúde. O exercício da cura como resultado de um dom ou de uma missão sagrada, é algo vital nas comunidades em que estas práticas são referências. Isso porque as especialistas são muitas vezes a ponte entre o sagrado e o profano, ou seja, entre o bem buscado e os males da vida que devem ser evitados. Os papéis de cura que elas exercem podem trazer um bem estar que muitas vezes excede a ideia funcional de saúde. O tratar implica em encerrar males que acometem o corpo, a família, a casa e o ambiente, que pode ser causado por espíritos ou ancestrais que não estão mais vivos. Em outras circunstâncias, as senhoras são também a âncora de esperança para os desenganados pela medicina pública ou que não têm acesso ao atendimento hospitalar.

Moradora da ilha do Combu, mais especificamente no Igarapé do Combu, Dona Catarina, 78 anos, sempre viveu nesta região. Suas histórias e seus conhecimentos se confundem com a própria história local. Todos os ensinamentos pelos quais ela ascendeu à prática religiosa de cura foram tecidos naquele contexto local. É muito reconhecida por suas habilidades, em especial, cuidados às crianças. Entes como santos e plantas, ritos como rezas e preparos de remédios, são consubstanciados numa rotina em que o sagrado e o profano ganham uma unidade simbólica. O catolicismo é bastante relatado pela especialista, mas, ela própria reconhece convergências rituais com outras experiências religiosas. Assim, esta unidade ética (bem) e física (saúde corporal) fazem com que a cura seja ampla, holística.

Com oitenta e um anos se auto-afirma como herdeira de práticas de pajelança, reza, curandeirismo, feitiçaria e de partos; se reconhece como vocacionada para o aprendizado e para invenções de novas técnicas de cura. A atmosfera mística que envolve esta senhora é fruto de suas experiências – que destacadamente melhoraram a vida de muita gente, tanto aquelas que lhes são conhecidas quanto desconhecidas. Suas atenções à cura são tão intensas que ela é capaz de contar histórias nas quais ela narrou enfaticamente como “perturbações” e até mesmo ressuscitou pessoas gravemente acidentadas. Também conhecida como Vovó Mariquinha, se tornou especialista no uso simultaneamente de plantas medicinais e de sua fé. Ela puxa, reza, benze; tem visões e revelações; sente e pressente males e encantarias; faz partos em situações de risco. Adquiriu o dom de curar as pessoas, mas não lembra se isso foi de nascença, e não recorda se houve um evento que simbolizou o

começo de tudo. Certo é que em suas histórias ela narra que desde a infância atua para o bem estar das pessoas e seu aprendizado aconteceu observando ritos de pajés, mães de santo, parteiras etc.

Numa região bem próxima à Ilha do Combu e menos populosa, localiza-se a ilha do Murutucum – uma outra zona insular da metrópole belenense com perfil socioambiental semelhante ao Combu. Nesta área mora Dona Eliana, membro da Assembleia de Deus e vem de uma tradição pentecostal; nunca experimentou outra religião e sua família é vinculada a essa doutrina. Aprendeu com a mãe a fazer remédios e rezar. É respeitada na região por ter o poder de curar e possuir um dom que, para ela são missões divinas e sagradas. Esta senhora cura com rezas e principalmente com as garrafadas<sup>13</sup>, que têm grande procura.

A construção do conhecimento de cada especialista foi constituída por caminhos diferentes e o aspecto religioso é fundante e primordial para os seus ritos. O entendimento de uma doença, causa, tratamento, cura e outros, são aspectos que elas buscam explicações em suas crenças individuais e coletivas, sempre moldados aos olhos da religião. Aprendizagem, experimentação, intuição, fé estão atreladas ao uso dos entes vegetais. A vida do ribeirão amazônico depende diretamente de sua adaptação ao ambiente, por meio do conhecimento empírico apreendido e em sua transmissão no decorrer de gerações.

Ferreira Jr., Santoro e Albuquerque (2018) entendem que a transmissão de um saber pode ocorrer de três formas: horizontal - entre indivíduos da mesma geração, vertical - com entes da mesma família e de gerações diferentes e oblíqua - entre indivíduos de gerações diferentes, mas não aparentados. Essas formas não inabilitam uma ou outra, coexistem e fazem parte de suas vivências.

Catarina e Eliana aprenderam de forma vertical, com suas mães, e isso tem sido repassado para as filhas, seguindo uma tradição familiar. A mãe de dona Catarina nasceu no interior do Ceará e sempre foi católica. Era bastante conhecida por tratar pessoas com os remédios que formulava e ensinava as receitas, além das orações aos santos que acompanhavam os tratamentos. Carregou consigo, para a região norte, seus saberes e crenças, onde teve que se adaptar ao novo ambiente, Catarina lembra que sua mãe sempre enaltecia

---

<sup>13</sup> Substância tradicional utilizada nas mais diversas situações de enfrentamento de doenças, pode ser composta por veículos alcoólicos – vinho branco ou cachaça – e substâncias de origem vegetal, mineral e animal (CAMARGO, 2014).

a variedade de plantas existente na ilha. De modo parecido, a mãe de Dona Eliana, nascida na região Norte e evangélica, se tornou uma referência para a filha na prática de curar pessoas.

No caso de Mariquinha, grande parte de sua sabedoria foi conquistada por seu perfil autodidata e outra parte por observação, intuição, confiança (como se já soubesse o que fazer) e transmissão. Não lembra de familiares com esse tipo de conhecimento, aprendeu quase tudo de forma oblíqua e horizontal, principalmente com a sua vivência na pajelança, há forte presença e influência dessa crença imbricada e ressignificada na religião pentecostal.

## **6. As expressões de religiosidade na cura**

Ribeirinhos possuem na religião, juntamente com o manejo tradicional da biodiversidade, experimentação, intuição e troca de informações, uma forma de conexão com o divino e esperança em atingir os mais variados objetivos, como a cura (BARRETO, 2019). Catarina tem no culto aos santos uma prática comum e muito forte do catolicismo, acredita que essas divindades são pessoas especiais que podem proteger e interceder junto a Deus por uma pessoa e pelas mais variadas causas. Há um tipo de fidelização estabelecida com santos intercessores dos homens junto à divindade. Catarina conhece o poder de cada um e para o que eles podem interceder junto a Deus, isto é, dependendo da situação reza para santos diferentes. Cita Nossa Senhora de Nazaré, São Benedito e Santo Antônio como os mais fortes e os que ela sempre guarda em orações. Possui uma devoção, mas laços afetivos, uma amizade com seus santos, se diz devota de todos e nunca transitou por outros círculos religioso.

Heraldo Maués (1999, p.171) compreendeu o catolicismo praticado no contexto amazônico como uma religião marcada pela oralidade e culto aos santos e, dentro dessas narrativas, existe uma forma tradicional de cultuá-los, como na ladainha. Catarina conta que esse rito começa sempre com uma oração do Pai Nosso, seguido da Ave Maria. Entretanto, revelou que isso só pode se realizar se alguém a acompanhar, pois ela entende que se tratar de um rito de comunhão que deve incluir outros devotos.

A despeito de Dona Mariquinha ter participado de ladainhas católicas com sua tia, essas experiências não transparecem em suas narrativas de cura. Entoava os cantos por achar beleza nas melodias que aprender. De fato, tudo que é religioso desperta curiosidade e atenção para essa senhora. Sempre demonstrando ser fiel a Jesus, não se sente pertencente a uma igreja, apesar

de frequentar e ajudar na organização de eventos em uma congregação pentecostal. Conhece como poucos os ritos curativos existentes na pajelança<sup>14</sup>, se considera “*uma curandeira sem pajelança*”, embora tenha acompanhado os antigos pajés da ilha, carrega consigo a memória dessa expressão histórica de fé local.

Mariquinha fala com bastante desenvoltura de contos envolvendo seres encantados<sup>15</sup>: Matinta Pereira, Curupira, Iara, Boto, Seres Invisíveis, Objetos e Lugares Mágicos, por vezes, declarou que os seres encantados se mudaram da ilha pela crescente presença humana nos espaços, que antes eram tidos como lugares soturnos e mal-assombrados. Igarapés e matas possuíam acesso interdito ou restrito a certos horários, por volta do meio dia às treze “é quando as entidades andam” e as visagens se tornam mais frequentes.

“Os igarapés deixaram de ser assombrados, porque as pessoas vieram, elas fazem muita zoada e incomoda o encantado, os seres acabaram se mudando”. Nessa fala Mariquinha ressaltou as mudanças ocorridas na ilha com a expansão populacional e o fluxo crescente de pessoas na região, que aos poucos resultaram em mudanças significativas no cotidiano dos grupos sociais, inclusive em suas crenças.

Dona Eliana é fortemente legitimada na região por pertencer à Igreja Assembleia de Deus, sendo um membro ativo. Ao mesmo tempo tem o claro entendimento da missão que recebeu de Deus: restabelecer a saúde física e espiritual daqueles que as procuram, inclusive pessoas de outros lugares, com ou sem religião, o que Dona Eliana denominou de “desguiados”<sup>16</sup>. Entre as que são evangélicas, com exceção de Dona Eliana, notou-se que há uma base religiosa iniciada por uma mistura de outras vertentes, como a pajelança, o candomblé e o catolicismo. Segundo Reis (2016, p. 81) os adeptos do pentecostalismo nesse cenário amazônico são oriundos, na maioria, de comunidades caboclas ribeirinhas ou mais urbanas, embebidas de suas disposições africanas, ameríndias e europeias.

---

<sup>14</sup> “Uma prática ritual voltada para procedimentos terapêuticos executados por pajés ou curadores, que agem sobre os doentes em quanto estão incorporados por entidades sobrenaturais, os ditos encantados” (MAUÉS, 2002, p.54).

<sup>15</sup> Os seres encantados, possuem influência do meio-ambiente nas características desses seres místicos, que soma-se a acumulação cultural do caboclo amazônico, iniciada nas trocas de vivências das comunidades indígenas e nos encontros com a chegada dos povos europeus, africanos e, mais recentemente, os nordestinos na região. (PAES LOUREIRO, 2001, p.49).

<sup>16</sup> Termo utilizado por D. Eliana para se referir aqueles que não frequentam nenhuma igreja, ou os sem religião, ou aqueles que possuem comportamentos envoltos ao pecado.

“Nasci e me criei nessa religião e vou morrer nela”, é como Catarina se identifica. Com perfil semelhante, Eliana e Catarina demonstram fidelidade às suas concepções cristãs e falam com orgulho que nunca vivenciaram outras crenças, se sentem amparadas em suas religiões. As duas senhoras receberam forte influência do elo materno no aprendizado de receitas, rezas e ritos diretamente ligados a barreiras invisíveis que inabilitam experimentações em outras religiões. Então, pode-se indicar que estas expressões de cura associadas a um sistema de crenças têm intensas características ancestrais e ambientais (FRAXE, 2000).

## **7. Tensões**

Os novos tempos enfrentados na ilha trouxeram uma nova realidade, a tranquilidade de outrora cede espaço ao o barulho constante e crescente de embarcações, pessoas, restaurantes, resultado da “onda” turística que invadiu a ilha, impondo modificações na rotina dos habitantes mais antigos. As especialistas possuem conflitos em seus modos de viver. Catarina por exemplo, ainda relembra o tempo das festas de santo da região, que foram se esvaindo com a chegada de novos moradores e de uma igreja pentecostal em sua comunidade.

É possível detectar ao menos três dimensões religiosas diferentes para cada uma das três especialistas. Cada uma destas três dimensões dá significação às suas práticas médicas. Assim, também verificou-se o quanto as práticas tradicionais de cultura religiosa e saúde são acolhidas e perpetuadas na comunidade considerando o restabelecimento da saúde; O sucesso da relação cura e religião é resultado da eficácia ritual, logo, das curas específicas que acontecem com relação ao sagrado de teor católico, evangélico, encantado etc.. Na ilha, o catolicismo vigente manifesta grande aceitação aos tratamentos medicinais que empregam plantas e formulam receitas tradicionais. Porém, uma forma nova de pentecostalismo que acontece com a chegada de outras igrejas evangélicas se contrasta com o ambiente de tradições presentes na ilha do Combu, inclusive com o pentecostalismo tradicional. Em contraste com esse perfil, conversas informais com membros da igreja Deus é Amor, uma igreja relativamente novata na Ilha do Combu, revelaram considerar a presença de plantas nas casas ou na própria igreja como algo estritamente utilitarista, de apelo estético e ornamental, e afirmaram não ser possível alcançar a “cura” pelo fato de que esse poder só se alcança na igreja.

Para Mariz (1997, p.56) na óptica neopentecostal, ter um conhecimento incompreendido, que seja rotulado como sobrenatural, sem ser através de Deus, é compactuar com o demônio. Assim como, qualquer desobediência feita a Deus, qualquer ato contra a moral passa também a ter origem sobrenatural, pois seria obra do espírito maligno ou fruto de sua influência. Segundo Birman (1997) o mal serve, de alguma maneira, para explicar perturbações a ordem cotidiana: doenças, brigas, desemprego, separação, problemas financeiros etc. enquanto o bem representa todo o sucesso obtido na transposição dessas desordens.

De fato, há uma convivência que tensiona e polariza, pessoas que curam com remédios caseiros e orações secretas causam incompreensão em certas congregações que, ao se depararem com o mistério buscam explicação na dualidade bem e mal, Deus e Diabo. Dessa forma, as especialistas são endeusadas e demonizadas. São deusas, anjos, escolhidas ou enviadas por Deus para quem obtêm a cura, são bruxas, possuídas pelo diabo, matintas, por quem não compreende. Desse modo colocam as como seres errados, malignos e a serem evitados, fragilizam a expressão cultural de um povo. Nos grupos religiosos mais restritivos o milagre da cura só pode ser atingido por intervenção divina, seguindo os pressupostos da ideologia pentecostal, transparecendo como algo próprio de sua religião. Para Roy Wagner (2017) o ser que não se adequa as novas condutas acaba sendo classificado como pertencente ao “antimundo”, que causa estranheza.

## **8. Considerações finais**

O arcabouço de terapias que ainda se faz presente nas ilhas do Combu e do Murutucum ainda preserva costumes tradicionais na arte de curar. Seja ligado ao curandeirismo, catolicismo ou pentecostalismo, sejam senhoras mais idosas ou mais jovens, há grande procura para resolução de casos que a medicina ocidental não compreende e não consegue expandir num entendimento mais holístico do que pode ser uma doença.

O estudo também revelou que religiões, plantas e a vida ribeirinha na várzea se inter cruzam para a compreensão das dinâmicas religiosas no mundo Amazônico. A antropização e seus rastros religiosos, que são aspectos marcantes do momento atual das ilhas não podem ser estudados do ponto de vista culturalista ou individualista, sem, contudo, entender as ecologias humanas. Sob este prisma, pode-se ver como expressões católicas, evangélico-

pentecostais e as de encantarias se teceram entre as disponibilidades botânicas, fluviais, climáticas, de solo e zoológicas.

Orações, intercessões, louvores, profecias pentecostais, glossolalia, rezas, visões e visagens, leituras bíblicas etc. não estão dissociados dos fenômenos de maré e de lua, dos benefícios humanos presentes em plantas, das manifestações de encantarias e dos antigos ensinamentos deixados por pajés – sobretudo, os de matriz linguística Tupi.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010.
- ALENCAR, Gedeon Freire. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.
- ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA ILHA DO COMBU. In: IDEFLOR-BIO. Belém, 2018. Disponível em: <<http://ideflorbio.pa.gov.br/unidades-de-conservacao/regiao-administrativa-de-belem/area-de-protecao-ambiental-da-ilha-do-combu/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- BAILEY, K. D. **Methods of social research**. New York: The Free Press, 1982.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Edições70: Lisboa, 2010.
- BARRETO, Andreia Macedo. **Território de Águas na Amazônia: Ribeirinhos e o direito à propriedade coletiva da terra**. Curitiba: Juruá, 2019.
- BIRMAN, Patrícia. Males e Malefícios no Discurso Neopentecostal. In: Birman, Patrícia. (Org.); NOVAES, Regina. (Org.); CRESPO, Samira. (Org.). **O Mal à Brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.
- BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2019.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As Plantas Medicinais e o Sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão histotográfica da medicina popular no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2014.
- CIRILO, Brenda Batista. **O processo de Criação e Implementação de Unidades de Conservação e sua Influência na Gestão Local: O estudo de caso da área de proteção ambiental da Ilha do Combu, em Belém/PA**. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- DA COSTA JR, Josias; MORAES JR, Manoel Ribeiro de. **Aspectos dos Estudos da Religião na Amazônia**. In: LUCAS, Flávia Cristina Araújo. (Org.), MORAES JR, Manoel

150 *Leonardo Lemos da Silveira Santos; Flavia Cristina Araujo Lucas*  
*Manoel Ribeiro de Moraes Junior; Raymundo Heraldo Maués*

Ribeiro de. (Org.), JÉRÔME, Laurent. (Org.), DAVIDISON, Robert. (Org.), Costa Jr., Josias da. (Org.). *Natureza e Sociedades: estudos interdisciplinares sobre Ambiente, Cultura e Religião na Amazônia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

DE LIMA, Neumira Geraldo *et al.* **A Informação Ambiental na Ilha do Murutucu Belém-PA, 2009-2010**: Um estudo de caso da relação urbano e rural. I Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, São Paulo: Bauru 2010.

DESCOLA, P. *Societies of Nature and the Nature of Society*. In: A. Kuper (org.), **Conceptualizing Society**. London/ New York: Routledge, 1992, pp. 107-126.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Ilhas e mares**: simbolismo e imaginário. São Paulo: Hucitec, 1998.

DOS SANTOS, Marilena Gomes; DIAS, Ângela Guimarães Pinto; MARTINS, Marcelo Moreira. Conhecimento e uso da medicina alternativa entre alunos e professores de primeiro grau. Belo Horizonte: **Revista Saúde Pública**, 29(03), 1995.

DURAND, G. **A imaginação simbólica** (L. Fitipaldi, Trad.). São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1989.

DURKHEIM, E. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FERREIRA JR., Washington Soares; SANTORO, Flávia Rosa; ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino. **Nossa História Evolutiva**: Plantas medicinais e a origem e evolução da medicina. Pernambuco: NUPEEA, 2018.

FERRETTI, Sergio. **Repensando o sincretismo**. São Paulo. EDUSP/ ARCHÉ, 2013.

FRAXE, T. J. P. **Homens Anfíbios**: uma etnografia do campesinato das águas. São Paulo: Annablume, 2000.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. São Paulo: Nacional, 1955.

JARDIM, W. F. **Gerenciamento de resíduos químicos**. Disponível em: <[http:// http://iqa.iqm.unicamp.br/pdf/LivroCap11.PDF](http://http://iqa.iqm.unicamp.br/pdf/LivroCap11.PDF)> Unicamp. Campinas, 2009.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

LUCAS, Flávia Cristina Araújo; GURGEL, Ely Simone Cajueiro; LOBATO, Gerciene de Jesus Miranda. **Panorama dos Estudos Etnobotânicos na Amazônia**: Caminhos para reflexão. In: LUCAS, Flávia Cristina Araújo. (Org.), MORAES JR, Manoel Ribeiro de. (Org.), JÉRÔME, Laurent. (Org.), DAVIDISON, Robert. (Org.), COSTA JR, Josias da. (Org.). *Natureza e Sociedades: estudos interdisciplinares sobre Ambiente, Cultura e Religião na Amazônia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

MACIEL, Márcia Regina Antunes; NETO, Germano Guarim. **Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar**. Belém: Boletim do Museu Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v. 1, n. 3, 2006.

- MAGALHÃES, Marcos Pereira. **Amazônia Antropogênica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.
- MARIZ, Cecília Loreto. **O Demônio e os Pentecostais**. In: Birman, Patrícia. (Org.); NOVAES, Regina. (Org.); CRESPO, Samira. (Org.). *O Mal à Brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.
- MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARCONI, Marina de Andrade e PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia, uma introdução**. São Paulo: Editora Atlas, 2017.
- MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação », **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 73 | 2005, posto online no dia 01 outubro 2012, consultado o 23 fevereiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/954> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rccs.954>.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A Ilha Encantada: Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: Universitária UFPA, 1990.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra “Invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém: Cejup, 1999.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião**. Estudos Avançados, 2005.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **O Perspectivismo Indígena é Somente Indígena? Cosmologia, Religião, Medicina e Populações Rurais na Amazônia**. Londrina: Mediações, v. 17, n. 1, p. 33-61, 2012.
- MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro de. Objeto De Estudo. In: JUNQUEIRA. S. R. A. (Org.), BRANDENBURG. L. E. (Org.) e KLEIN. R. (Org.). **Compêndio do Ensino Religioso**. São Leopoldo: Vozes e Sinoval, 2017.
- NETO, Arlindo de Souza e DO AMARAL, Polyanny Lílian. Os imponderáveis da etnografia religiosa: uma análise sobre o trabalho etnográfico no campo da religião. Rio Grande do Norte: MNEME – **Revista de Humanidades**, 11 (29), 2011.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Obras Reunidas**. São Paulo: Escrituras, 2001.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**. Uma poética do Imaginário; Manaus: Valer, 2015.
- REIS, Gustavo Soldati. **Evangélicos na Amazônia Paraense: identidade entre as representações da palavra escrita e imaginada**. Belém: Observatório da Religião, v. 3, n. 1, 2016.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. São Paulo: Global, 2017.

RIBEIRO, Jocilete de Almeida. **Área de Proteção Ambiental do Combú, Belém/PA:** desafios de implantação e de gestão de uma unidade de conservação. Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente, 2010, p.43.

RIVERA, Paulo Barrera. **Fragmentação do Sagrado e Crise das Tradições na Pós-Modernidade.** In: TRASFERETTI, José (Org.). Teologia na Pós-Modernidade. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 437-464.

RODRIGUES, D.; DE MORAES JÚNIOR, M. R. A Pentecostalização de Povos Tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 50, p. 900-918, 31 ago. 2018.

SILVA, D, J, L.; CARVALHO, B, M. Organização Sócio- Espacial Ribeirinha Materializada em Mapas Mentais e Tipologia Arquitetônica em Ilha ao Sul de Belém-Pará. **Anais ANPPAS**. 2010. Disponível em: <[www.anppas.org.br/encontro5](http://www.anppas.org.br/encontro5)>, acessado em 24 de fevereiro 2020.

TAYLOR, Kenneth 1. 1977. Sistemas de Classificação e a Ciência do Concreto, in: **Anuário Antropológico 76**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 121-148.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* [online]. 1996, vol.2, n.2 [cited 2020-02-23], pp.115-144. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104313199600020005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104313199600020005&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0104-9313. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: UBU, 2017.

WEBER Max. **Sociologia das Religiões e Consideração Intermediária**, trad. Paulo Osório de Castro, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2006.

Submetido em: 16-11-2020

Aceito em: 27-12-2021